

A AÇÃO SOCIAL DA CULTURA POPULAR NO TEXTO PARA CRIANÇAS

Eglê Malheiros *

Quem se der ao trabalho de fazer um levantamento daquilo que em nosso país se publica endereçado à criança e ao jovem, constatará desde logo:

- a) a predominância de material traduzido ou adaptado (em geral de língua inglesa, via EUA, e depois em grau menor, francesa e alemã):
- b) a permanência na cena editorial de verdadeiros dinossauros literários, como se cada geração fosse obrigada a prestar vassalagem à má literatura cometida em priscas eras:
- c) o discurso monocórdico de camada preponderante da classe que domina, abafando quaisquer outras vozes.

Para facilitar, não vamos considerar aqui as revistas em quadrinhos; a falta de dados precisos, contudo, não impede que se possa estender (reforçadas), ao gênero, as observações relativas aos livros em geral. A importância dessas revistas no processo de colonização do imaginário de nossa infância ainda não foi bem apontada, e está a pedir que um especialista no assunto se debruce sobre ele.

Traduzimos muito, mas em geral não o que seria louvável, o melhor de cada país. Estamos traduzindo (ou adaptando) um pouco menos, porém a contrafação tupiniquim é que é apresentada no lugar do que não se manda buscar fora.

Há, sem dúvida, um grupo ainda pequeno, mas crescente, de pessoas cômicas de sua responsabilidade no meio editorial e que procura trazer coisas boas e incentivar nossa produção. Contudo é ainda muito pouco e, à questão propriamente de edição, misturam-se os problemas de custo, tiragem, distribuição e aceitação, que afinal se prendem todos ao mais complexo de nossa estrutura econômico-social e nosso sistema político.

Dentro dessa situação não é de admirar que a cultura popular fique quase que praticamente ausente no que se escreve para crianças e jovens, ou que apareça muitas vezes castrada.

A esse respeito vale repetir uma das recomendações do Seminário Latino-Americano de Literatura Infantil e Juvenil, que se realizou em São Paulo de 14 a 18 de agosto de 1978: "Recomendamos que o folclore na literatura infantil não seja associado só a mitos e lendas, mas seja visto dentro do dia da criança, em suas brincadeiras espontâneas, nos apelidos dos colegas e nos brinquedos que ela cria, caracterizados por ausência de normatividade rígida. Essa recomendação é básica, inclusive como defesa contra a massificação e a nivelção por baixo, provocada pela influência da indústria cultural; não se pede uma imitação do "estilo folclórico" mas que o artista aprenda a essência da atitude do criador de folclore: uma visão sem preconceitos, uma visão de amor à vida".

A recomendação é uma das mais importantes saídas daquele Seminário, pois toca no ponto crucial de nossas culturas, a luta pela identidade cultural e contra a colonização.

Qualquer projeto cultural em nosso país, para poder ser tomado a sério, deverá ser popular e democrático. Não se pode desde já se lhe estabelecer todos os pontos e metas, pois deverá nascer de debate amplo e profundo, em que falem e sejam ouvidos aqueles que no decorrer de nosso processo histórico foram mantidos à margem, violentados à socapa ou abertamente. Mas parece fora de dúvida que qualquer contribuição para romper a unicidade do discurso, qualquer medida que aumente a sensibilidade dos alfabetizados no sentido de que façam de seu saber um instrumento de libertação e não de manutenção de privilégios imorais, qualquer ato que nos leve ao auto-conhecimento como povo, tem importância.

Numa visão geral do que se escreve para menores, constatamos a predominância incontestada de autores estrangeiros na faixa da criança pequenina e do neo-leitor e na do adolescente. Não pretendemos aqui analisar o problema, mas nos parece uma questão seríssima. No primeiro caso os livros alargam o mundo infantil para uma realidade e uma problemática que não é nossa, levando-os a crer, entre outras coisas, que ser criança alegre e feliz é ter obrigatoriamente olhos azuis e cabelos loiros, usar casacos de pele no inverno e construir bonecos de neve (salve Santa Catarina, em que São Joaquim permite às vezes que se diminua a frustração — embora para a maioria dos filhos dos agregados das fazendas a neve não seja tão divertida assim).

As quadrinhas, as adivinhas, os trava-línguas, são de fora, traduzidos de maneira capenga. Existem também os *monstregos*: “Clássicos” infantis com ilustrações lamentáveis e umas poucas frases incoerentes em letras capitulares. Contrariando esse panorama desolador são amostras valiosas do que pode ser feito com nosso repertório, os livros que Eliardo França editou pela Conquista: *O cavalinho de vento* e *Pirulito que bate-bate*, e *Pé-de-pilão* de Mário Quintana. O poema de Mário Quintana, que recupera pela arte a espontaneidade infantil nas brincadeiras de palavra-puxa-palavra, é um exemplo da presença da cultura popular recriada na literatura para crianças. Há ainda uma série de livros da Ática para os pequeninhos que justamente satisfazem os requisitos necessários.

Não pretendemos aqui fazer um rol de livros em que mitos, lendas, crenças e costumes populares estejam presentes, e assim sendo, podemos deixar de citar, voluntária ou involuntariamente, algum título importante. Se quem nos ler se lembrar dele, já teremos em parte cumprido a função.

Existe ainda um produto híbrido, destinado a criança bem pequena: é o texto “brasileiro” com ilustração estrangeira; ora, a criança lê ou ouve o texto, mas lê muito mais as figuras; fornece-se assim aos pequeninos verdadeiros “sambas do crioulo doido” e depois mais tarde vai-se-lhes cobrar coerência nas redações do vestibular.

Na faixa do leitor entre os 8 e 12 anos aumenta nossa produção. O folclore europeu está presente principalmente com os irmãos Grimm, em toda classe de tradução e com adaptação de todo o quilate. Índios existem muitos, mas em geral americanos, e muitas vezes os brasileiros que se arriscam a aparecer são convenientemente vestidos.

Com a literatura infantil é o território literário da permanência daquilo que na literatura em geral é transitório e circunstancial, nós temos o fenômeno, por exemplo, da republicação continuada das histórias edificantes do cônego Schmid (Paulinas), que serviram para moldar bem comportados camponeses e filhos do povo que a industrialização pedia fossem alfabetizados. Se nos lembrarmos de que esses livros em geral não vão parar na mão das crianças mais bem informadas das cidades (cujos pais são mais críticos e esclarecidos), podemos aquilatar o papel que desempenham ainda hoje. A mudança do contexto social em que operam só lhes reforça a tarefa retrógrada e alienante.

Dessa forma, a existência de livros em que nosso povo se faça presente, através de culturas em geral ignoradas ou desprezadas, é importante. Grandes escritores nossos compreenderam isso. Temos, entre outros, José Lins do Rego com *Estórias da Velha Teotônia* (Melhoramentos) e Graciliano Ramos, *Histórias de Alexandre*. Há ainda as coletâneas de Ruth Guimarães, *Lendas e Fábulas do Brasil* e de Henriqueta Lisboa, *Literatura oral para a infância e a juventude*, ambas pela Cultrix; o livro de Henriqueta se dirige mais aos professores do que diretamente aos leitores. Theobaldo Miranda Santos organizou *Contos maravilhosos* (Cia. Ed. Nacional) em que estão representadas as várias regiões brasileiras.

Outros escritores interiorizam a essência do folclore, numa visão de amor à vida, e portanto aos nossos costumes e maneiras de ser, é o caso de Monteiro Lobato, Orígenes Lessa e Francisco Marins. Francisco Marins, na série Taquara-Poca, conta ainda com as valiosas ilustrações de Oswaldo Storni, que são arte e documento. Curioso notar que em outros livros Marins repete, talvez sem ter plena consciência, todos os estereótipos de nossa historiografia oficial.

A obra de Lobato é enraizada em nosso mundo, estão ali nossos costumes, brinquedos, até, infelizmente, o preconceito racial adoçado pelo bom-mocismo de amar amãe-preta. Não se pode ser voluntarista na análise literária, não se pode querer um Lobato diferente, o que não é admissível é copiar os defeitos de Lobato e deixar de lado suas qualidades: amor à crítica, à visão da realidade, o apelo à combatividade. Uma releitura de seu livro dedicado ao nosso folclore, *Histórias de tia Nastácia*, vai nos revelar um enfoque muito estreito e etnocêntrico de todo o fenômeno e, paradoxalmente, em contradição com a atitude que ele mesmo toma em seus outros livros.

O livro de Luís Jardim, *O boi aruá* (José Olympio) é um belo exemplo de quanto a cultura popular é fonte insubstituível no reino do imaginário. As três são belas histórias, mas a que dá título ao livro é uma obra-prima.

A Ed. do Brasil publica numerosos títulos de J. Pimentel Pinto, baseados em nosso folclore, que são do maior interesse; infelizmente a apresentação gráfica deixa muito a desejar, ilustrações de nível precário. Vovô Felício tem usado o folclore em suas histórias, principalmente as do jabuti e da onça, *Era uma vez uma onça* (Comunicação), *A Fama do Jabuti* (Americana), embora muitas vezes a apresentação gráfica e as ilustrações prejudiquem o livro. Há contudo muita interferência do Autor na moralidade da narrativa.

Numa versão de Maria Theresa Cunha de Giacomio, a Melhoramentos edita a série, *Lendas Brasileiras*. Embora louvável a iniciativa, as ilustrações que acompanham os textos são lastimáveis e afastam qualquer leitor com o mínimo de senso estético.

Recentemente, Antonieta Dias de Moraes lançou *Contos e lendas de índios do Brasil* pela Ed. Nacional. Ela, cuja literatura está fortemente impregnada de nossas coisas, nos dá um livro de modesta apresentação, mas numa linguagem viva, atual e impregnado de fidelidade às fontes.

Uma das características importantes da cultura popular é a aceitação dos conflitos, do entrelaçamento de interesses, da necessidade que têm os oprimidos de usar a astúcia e a coragem para sobreviver. Na literatura estabelecida para jovens o conflito é negado, quer na sua existência (a maioria das vezes), quer na sua força dialética e propulsora (o mundo só está bem quando fica tudo quieto e certinho). Ora essa negação é já por si uma violência, pois nega a transformação e a oposição, apresenta como completo e acabado o universo humano; quem se rebela é anátema. Pobre, digno de figurar em livro infantil, é bonzinho e feliz, ou fica feliz com o sorriso bom da criança rica. Não satisfeitos em desfiarem essa ladainha por laudas e laudas de papel desde o início dos tempos de nossa literatura dirigida às crianças (felizmente um grupo de autores em contínua expansão se nega a tão triste papel, não os enumeramos para não fugir ao assunto), ainda há por aí muito livro que se diz baseado no folclore, apresentando sacis redimidos (A perna do Saci, Edson Magalhães, Agir) ou quem é bom sempre indefeso e inerte, a depender do sobrenatural para resolver seus problemas (*O maravilhoso mundo das histórias*, Cecília Wisorek, Ed. do Autor); os exemplos seriam muitos, de qualquer forma é o discurso dominante querendo recuperar e domar aquilo que se lhe opõe. Outras vezes falta um certo rigor científico, rigor que de forma alguma prejudica a licença poética. É o caso da presença de uma "girafa turista" em meio às *Histórias dos Índios do Brasil*, de Walmir Ayala (Bruguera), que nas reedições muito valorizaria o livro cassando o passaporte da indesejável.

Dizíamos, no início, que nossa produção editorial dirigida ao adolescente é escassa; justamente na fase da vida em que se dá um salto qualitativo nos processos cognitivos e nas atitudes intelectivas, rompe-se no terreno do simbólico o elo entre nossa juventude e o mundo que seria o dela; cinema, televisão, quadrinhos, best-sellers, tudo se lança a um aprofundamento da colonização cultural, alargando e aprofundando o fosso entre a literatura brasileira e seu público natural. Muitos escritores (de outra forma preocupados com a problemática de nossa identidade cultural) não se dão conta da seriedade do problema. Outros o percebem e lutam na prática, alguns lançando mão da riqueza da cultura popular para falar a nossos jovens, é o caso de Osmar Lins com *O diabo na noite de Natal* (Pioneira) e da obra em processo de Haroldo Bruno: *O viajante das nuvens e O misterioso rapto de Flor do Sereno* (ambos da Salamandra).

Embora nem todos recorrem a lendas e causos um exame atento de nossos bons escritores vai encontrar sua obra fertilizada por nosso ambiente, nossa memória, nossa cultura enfim, da qual a vertente popular é a mais rica e característica, é a que nos garante a identidade.

Já se disse que um bom livro é como cebola, tem inúmeras camadas reveladas por diferentes leituras. Assim a rigor (e a experiência pessoal de cada um já o deve ter aprovado) um livro que seja obra de arte, pode começar a ser lido por crianças pequenas e apresentar novas motivações no decorrer da vida. É evidente que o tratamento dos temas e a linguagem vão condicionar o acesso dos leitores, porém jamais esse acesso será

condicionado pela profundidade ou amplitude temática. Uma das vantagens da literatura oral ou folclórica é que ela não considera a entidade "criança", ela se dirige a um grupo social do qual fazem parte as crianças, que aprendem o que podem e se impregnam do resto para um ulterior aproveitamento não consciente. É o caso da nossa poesia cabocla, agora denominada literatura de cordel, ou das emboladas dos cantadores caipiras. Quão desenxabidos devem parecer para crianças que se banharam nessas fontes, certos livros infantis que andam por aí. Temos nessa literatura um tesouro que ainda não foi revelado à maioria de nossos jovens e um gênero pouco cultivado por nossos escritores. Sabemos da existência de livros de cordel que M. Cavalcanti Proença escreveu para os netos, e que urge sejam publicados.

Quando constatamos a presença episódica da cultura popular, no que se escreve para crianças e jovens no Brasil, e deparamos com o aparecimento de uma outra manifestação européia (excetuando a portuguesa, já incorporada) e mesmo oriental, vamos perceber desde logo uma grande ausência: a cultura da América Latina. Somos cegos e surdos, fazemos cegos e surdos nossos jovens, para a realidade de nossos irmãos, para aqueles que têm o mesmo caminho a fazer que nós, cuja luta é nossa luta. Nós os desconhecemos e isso mostra quão pouco nos conhecemos, mostra o quanto estamos alienados. Nossas crianças consomem a respeito da América Latina os estereótipos que a indústria cultural lhes impõe. A tarefa cabe a todos nós: estabelecer contato, construir elos, forçar o intercâmbio, por cima dos trâmites oficiais e dos emperramentos burocráticos, invalidar na prática o muro do isolamento. Descobrir autores, traduzir, publicar, divulgar; revelar o resto da América Latina, para os jovens deste país da América Latina, em que uma forma de alienação foi sempre fazê-lo superior-se diferente.

Hoje, mais do que nunca, é imprescindível e urgente a impregnação na cultura popular daquilo que se escreve para crianças e jovens, e por duas razões principais. A primeira se prende à urbanização; as pessoas saem de seus lugares de origem, são desenraizadas, não se contam mais histórias, não se desfilam mais causos e acontecidos nas varandas, os brinquedos de roda, as adivinhas vão se tornando peças de museu; mesmo as cantigas de ninar se perdem, os próprios ditados e expressões saem de circulação; os brinquedos industrializados substituem os artesanais ou feitos pelas próprias crianças; há algumas gerações, mesmo quem só lia o livro estrangeiro, tinha se alimentado de nosso imaginário popular pelo menos na infância; hoje já não é obrigatoriamente assim. A segunda razão se prende ao projeto expresso ou implícito de globalização do mundo, visando tornar-nos todos bons e acomodados consumidores de mercadorias, quer culturais quer materiais; tal projeto repele tudo que não introjete como fatalidade histórica a existência de povos oprimidos e expoliados. Uma literatura infantil que brote das fontes populares (e aqui literatura está no sentido lato, incorporando a imagem, a canção, o teatro, o cinema) é, a resposta mais sólida que se pode dar à massificação da indústria cultural, que procura impedir que nos afirmemos como povo autônomo. Tal literatura deixará de ser edulcorada, submissa e com "carta de branquidade", jamais será monocórdica e repetitiva, acomodada e passiva. Será a digna continuadora do Viriato Correa de Cazuzu e de Monteiro Lobato, e de tantos outros que, escrevendo, editando, divulgando, usando na sala-de-aula textos que falem de nossa terra e de nossa gente opõem um obstáculo à nossa colonização cultural.

* Mestre em Comunicação — U.F.R.J.
Escritora.